

# ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O CONTROLE DA SUBJETIVIDADE NAS NOVAS E ANTIGAS PEDAGOGIAS \*

Ana Maria Nicolaci-da-Costa \*\*

*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*

RESUMO - Este trabalho visa questionar tanto o caráter "repressor" imputado às chamadas "pedagogias tradicionais", como a dimensão "revolucionária" atribuída às chamadas "novas pedagogias". Através da utilização dos conceitos de "pedagogia visível" e "pedagogia invisível", desenvolvidos pelo sociólogo inglês Basil Bernstein, e da introdução dos conceitos de "pedagogia do visível" e "pedagogia do invisível", propostos pela autora, procede-se a uma análise comparativa da pedagogia tradicional e das novas pedagogias. Esta análise torna possível a explicitação de algumas características das formas de agenciamento e controle da subjetividade contidas nos dois modelos pedagógicos em questão.

## REFLECTIONS ABOUT THE CONTROL OF SUBJECTIVITY IN NEW AND OLD PEDAGOGIES

ABSTRACT - This paper discusses and challenges the so-called "repressive" character of "traditional pedagogies" and the taken-for-granted "revolutionary" character of the "new pedagogies". These two types of pedagogy are analysed and compared with the aid of the concepts of "visible" and "invisible" pedagogies, as developed by the British sociologist Basil Bernstein, as well as through the use of the concepts of "pedagogy of the visible" and "pedagogy of the invisible", which are here introduced and defined by the author. This discussion aims at making explicit some of the basic characteristics of the ways in

\* Este trabalho baseia-se nos dados de uma pesquisa sobre os pressupostos e as conseqüências de diferentes propostas pedagógicas que venho desenvolvendo com o auxílio do CNPq. Agradeço à Professora Vera Candau, do Departamento de Educação da PUC-RJ, pelo incentivo e sugestões. Agradeço, também, aos Professores Anamaria Ribeiro Coutinho e Sérvulo Augusto Figueira, meus colegas do Departamento de Psicologia da PUC-RJ, pela leitura cuidadosa de uma primeira versão deste texto.

\*\* Endereço para correspondência:  
Rua Gustavo Sampaio, 244 apto. 1301, bloco A  
Rio de Janeiro, RJ 22010

which subjectivity is manipulated and controlled in both types of pedagogy.

As "novas pedagogias", implantadas a partir da década de 70 em grande parte das pré-escolas e escolas de 1.º grau da rede privada de ensino dos grandes centros urbanos brasileiros, têm sido alvo de muita atenção. Surgindo em oposição à chamada "pedagogia tradicional", vista por muitos como "repressora", "massificante" e "inibidora do autoconhecimento e criatividade", as "novas pedagogias" são, em geral, percebidas como "revolucionárias". Isto porque enfatizam justamente aquelas dimensões que a "pedagogia tradicional" tende a ignorar ou a relegar a plano secundário: a liberdade de expressão, a atenção individualizada e o desenvolvimento das potencialidades únicas da criança.

Este trabalho tem como objetivo central problematizar tanto o caráter "repressor" da pedagogia tradicional como o caráter "revolucionário" das novas pedagogias, através da tentativa de explicitação das formas de agenciamento e controle da subjetividade que são parte integrante destes dois modelos pedagógicos. Para tanto serão utilizados os seguintes procedimentos:

- (1) análise comparativa da pedagogia tradicional e das novas pedagogias através dos conceitos de "pedagogia visível" e "pedagogia invisível", de Basil Bernstein (1977), conceitos estes que privilegiam o ponto de vista do socializado (i.e. da criança)<sup>a</sup>;
- (2) introdução de dois novos conceitos - os de "pedagogia **do** visível" e "pedagogia **do** invisível" - que permitem analisar a pedagogia tradicional e as novas pedagogias de um novo ponto de vista: o do agente socializador.

#### **Pedagogia visível e pedagogia invisível** (ou, o ponto de vista do socializado)

A pedagogia tradicional, que predominou em nossas escolas pelo menos até a década de 70, seria um bom exemplo do que Bernstein (1977) chama de "pedagogia visível". Visível, é importante enfatizar, para o socializado<sup>b</sup>.

Dentre as principais características deste tipo de pedagogia apontadas por Bernstein, gostaria de ressaltar as seguintes (vertambém Nicolaci-da-Costa 1985 e no prelo):

- (1) o controle da criança por parte do professor é explícito e fundamentado numa hierarquia e em regras também explícitas (e.g. direitos e deveres do professor e do aluno);
- (2) este controle é efetuado num contexto homogeneizador que a criança tem pouca liberdade para explorar e/ou alterar (e.g. salas de aula com carteiras pesadas, dispostas em fila e voltadas para a mesa do professor);
- (3) os espaços e horários de trabalho e de lazer são segregados (e.g. a sala de aula e o pátio de recreio, a hora de aula e a hora de recreio);

---

a. Esta é a versão mais recente (e modificada) deste artigo. Há uma versão em português (Bernstein, 1984) onde certas idéias ainda não foram completamente desenvolvidas. Para uma inserção destes conceitos na obra de seu autor, ver Atkinson (1985).

b. Esta distinção é feita com clareza na versão de 1977: "Visível e invisível referem-se à transmissão do *ponto* de vista do receptor, não do ponto de vista do transmissor" (p. 119, minha tradução).

- (4) há grande ênfase na transmissão de conteúdos (e.g. quem fez tal ou qual descoberta, o que são sujeito, verbo e predicado, o que é um algarismo, etc);
- (5) a eficácia desta transmissão de conteúdos é aferida através de provas e outras formas de avaliação uniformes, comparativas e mensuráveis através de notas, o que permite ao socializado acompanhar seu progresso escolar.

Em outras palavras, ao ingressar numa escola que adote a pedagogia tradicional (pelo menos em suas formas mais "puras"), o socializado entra num mundo onde cada coisa, cada pessoa, cada comportamento tem seu lugar e sua hora. Esta mensagem lhe é veiculada de diversas formas<sup>c</sup>.

Em vários casos, a própria arquitetura denota a ordem vigente. Caso a disposição arquitetônica seja ambígua, a decoração do espaço não o será. Dentro de uma sala, que a criança logo perceberá ser de aula, haverá muito provavelmente uma mesa e uma cadeira na frente de um quadro-negro. Voltada para esta mesa, haverá uma série de carteiras iguais - mas visivelmente diferentes da cadeira do professor - dispostas em fila, que a criança logo perceberá serem destinadas aos alunos. Estes são sinais inequívocos do **status** relativo do professor e dos alunos.

Durante as aulas, outros aspectos da pedagogia tradicional tornar-se-ão visíveis para a criança. Esta perceberá, por exemplo, que o professor transmite conhecimentos, controla o comportamento e avalia o desempenho de seus alunos. A estes, logo ficará claro, cabe absorver os conhecimentos que lhes são transmitidos, comportar-se de acordo com as expectativas do professor e ter um bom desempenho (o que em grande parte das vezes significa ter boas notas).

Também não haverá ambigüidade entre espaços e horários de trabalho (e.g. sala de aula na hora de aula) e de lazer (e.g. pátio de recreio na hora de recreio). A visibilidade destes e de outros aspectos da pedagogia tradicional facilita a apreensão, por parte do socializado, do que se espera dele enquanto aluno.

Já nas novas pedagogias, a experiência do socializado é bastante diversa. As novas pedagogias seriam exemplos privilegiados do que Bernstein (1977), adotando novamente o ponto de vista do socializado, denomina "pedagogia invisível". Não obstante o fato das novas pedagogias estarem calcadas em diferentes teorias psicopedagógicas, Bernstein aponta as principais características que têm em comum:

- (1) o controle da criança por parte do professor é exercido de forma implícita e baseia-se numa hierarquia e em regras também implícitas (e.g. direitos e deveres de professores e alunos não são explicitados);
- (2) este tipo de controle é levado a cabo num contexto que o professor prepara para que a criança explore e rearrume (e.g. sala em que há vários tipos de material didático - jogos, material de pintura e desenho, etc. - que a criança é incentivada a usar aparentemente como e quando quer);
- (3) dentro deste contexto, a criança tem, aparentemente, amplos poderes sobre o que seleciona (e.g. tipo de jogo) e sobre como organiza e estrutura suas atividades (e.g. quando e como brinca com blocos lógicos, quando e como pinta ou desenha);
- (4) há pouca segregação de espaços e horários de trabalho e de lazer (e.g. brinca-se aprendendo e aprende-se brincando, descobertas podem ser feitas no "parquinho" de recreio e brincadeiras podem acontecer na sala de aula);

c. Talvez seja útil enfatizar que esta discussão refere-se a **modelos** pedagógicos, dos quais propostas pedagógicas concretas podem estar mais próximas ou mais distantes.

- (5) a criança aparentemente regula seus próprios movimentos e relações sociais (e.g. tem liberdade de se movimentar de um lugar para outro, de interagir com um ou outro colega ou com o professor, etc);
- (6) há pouca ênfase na transmissão de conteúdos e na aquisição de habilidades específicas em prol de uma maior ênfase no desenvolvimento das estruturas de raciocínio (e.g. saber fazer cálculos mas não saber o que é um algarismo);
- (7) os critérios de avaliação são múltiplos e difusos (e.g. relatório sobre o "desenvolvimento global" de um aluno constando de 18 páginas, cada página contendo em média 20 categorias, totalizando cerca de 360 categorias de avaliação), o que não permite ao socializado acompanhar seu progresso escolar.

Em conseqüência deste conjunto de características, as novas pedagogias se opõem também à pedagogia tradicional por fornecerem/prestarem maior atenção individual ao socializado (requisito indispensável para sua implementação), atenção esta que é possibilitada por um menor número de alunos por professor.

Dadas estas características, o que percebe uma criança ao ser submetida a uma nova pedagogia?

Ao contrário da criança que, ao ingressar num modelo pedagógico tradicional, entra num mundo onde tudo tem sua hora e lugar estabelecidos por regras que lhe antecedem, a criança que trava contato com as novas pedagogias entra no reino da ambigüidade e da invisibilidade de regras e critérios. Nada é estipulado com nitidez e, aparentemente, tudo pode ser construído e reconstruído pela criança (o que obviamente não implica a ausência de regras e/ou critérios mas sim o caráter elusivo destes).

Ao entrar numa sala, a criança não perceberá de forma clara que ela é de aula. Provavelmente haverá mesinhas e cadeiras leves e de alta mobilidade distribuídas informalmente num espaço cercado de estantes repletas de jogos, blocos de construção e outros materiais didáticos. Não será infreqüente a criança encontrar um cavalete, pincéis e tintas em profusão para que possa pintar. Não haverá, na maior parte das vezes, mesa e cadeira que sirvam de marcadores de **status** para o professor. Este poderá ser freqüentemente encontrado sentado no chão com seus alunos. A partir destes indicadores, o professor poderá ser visto pela criança como um amigo mais velho. Além da hierarquia, os direitos e deveres tanto do aluno quanto do professor tenderão a permanecer ambíguos.

Durante seu tempo de permanência neste espaço, a criança perceberá que tem liberdade para se movimentar de um lugar para outro, para falar com um ou com outro, para escolher o que vai fazer e como vai fazer alguma coisa. O professor e seus assistentes parecerão estar lá somente para dar apoio e responder perguntas. A criança sentir-se-á à vontade para se expressar com toda liberdade.

Idealmente, não haverá grandes diferenças em termos de expectativa de desempenho e de comportamento entre este e os outros espaços, como o do "parquinho", dentro da escola. A ênfase na liberdade de expressão e no desenvolvimento de capacidades individuais será característica de todos.

Também os horários de trabalho e de lazer não serão tão demarcados como na pedagogia tradicional. Assim sendo, quaisquer diferenças entre estes espaços e horários tenderão a ser invisíveis para a criança.

Outra diferença radical entre a pedagogia tradicional e as novas pedagogias diz respeito à avaliação do desempenho. Isto porque tanto "desempenho" como "avaliação" assumem significados diferentes nas novas pedagogias.

Enquanto **na** pedagogia tradicional o desempenho é qualificado como "escolar" ou "acadêmico" (sendo dele excluídos o comportamento e outros aspectos mais propriamente privados e íntimos), nas novas pedagogias ele não recebe qualificação. Na realidade, o conceito de desempenho nestas é muitas vezes substituído pelo de "desenvolvimento global". Conseqüentemente, nas novas pedagogias, a criança é avaliada não somente pelo que **faz** mas também pelo que é.

No entanto, deixando momentaneamente de lado este traço distintivo das novas pedagogias que será retomado adiante, a pergunta que se coloca é: o que desta avaliação é visível para a criança?

Segundo o próprio Bernstein, muito pouco. O exemplo mencionado acima de um relatório contendo cerca de 360 categorias de avaliação demonstra dramaticamente a impossibilidade da criança apreender os critérios pelos quais está sendo avaliada. Estes critérios são, portanto, invisíveis para ela, e sua invisibilidade veta-lhe a possibilidade de avaliar e controlar seu próprio progresso. Este é o preço que terá de pagar pelo que muitos consideram ser sua liberdade.

Se, sob a luz desta análise, considerarmos a visão predominante em vários setores das camadas médias dos grandes centros urbanos brasileiros - a de que as novas pedagogias são revolucionárias - poderemos perceber desde já algumas dificuldades que podem ser apresentadas.

Na pedagogia tradicional, o aluno tem pouca liberdade de expressão, mas a visibilidade da hierarquia, das regras e dos critérios de avaliação lhe fornece a possibilidade de controlar (e até de manipular ou contestar) seu progresso e desenvolvimento na escola. Já nas novas pedagogias, o socializado tem muito maior liberdade de expressão, mas a invisibilidade da hierarquia, das regras e dos critérios de avaliação tornam muito difícil (se não impossível) uma auto-avaliação de sua posição no sistema escolar que lhe permita exercer algum tipo de controle (ou lhe forneça alguma possibilidade de manipulação e/ou contestação) de seu próprio destino escolar. Em outras palavras, enquanto na pedagogia tradicional o sujeito não é livre mas controla sua carreira escolar, nas novas pedagogias o sujeito é livre mas perde o controle de seu destino dentro da instituição escolar.

### **Pedagogia do visível e pedagogia do invisível** (ou o ponto de vista do agente socializador)

Venho, até o momento, privilegiando o ponto de vista do socializado. Cabe, no entanto, lembrar que toda proposta pedagógica envolve receptores (crianças, adolescentes, etc.) e transmissores (professores, pais e outros agentes socializadores) e deve, portanto, ser analisada do ponto de vista de ambos. Esta seção será integralmente dedicada à análise comparativa da pedagogia tradicional e das novas pedagogias a partir do ponto de vista dos agentes socializadores. No presente caso será adotado o ponto de vista dos professores (o ponto de vista dos pais pode ser encontrado em Nicolaci-da-Costa 1985 e no prelo).

Grande parte desta análise será feita a partir de formulações e raciocínios desenvolvidos pelo próprio Bernstein (1977) em seu artigo sobre pedagogias visíveis e invisíveis. Haverá, no entanto, uma importante diferença entre a análise desenvolvida por Bernstein e a que se segue: esta última estará sistematicamente referida ao ponto de vista do agente socializador. Estará, portanto, sempre referida à questão de quais aspectos do socializado a pedagogia tradicional e as novas

pedagogias tornam visíveis para o agente socializador. Em outras palavras, a análise que se segue refere-se a diferentes formas de agenciamento e controle da subjetividade do socializado, formas estas que estão, na maior parte das vezes, implícitas tanto nas propostas pedagógicas de cunho tradicional quanto nas de orientação experimental.

Retomemos de forma sucinta as principais características da "pedagogia visível", sob a forma de pedagogia tradicional, descritas na seção anterior. É uma forma pedagógica que se baseia no princípio da hierarquia e da demarcação de fronteiras. Assim sendo, professor e aluno têm funções, direitos e deveres nitidamente diferenciados e posições hierárquicas bem demarcadas. Lazer e trabalho, bem como os espaços e horários dedicados a ambos, têm fronteiras bem delineadas.

Outras importantes características deste modelo pedagógico, também já mencionadas anteriormente, são: o grande número de alunos por professor; a relativa imobilidade por parte dos alunos gerada, entre outros fatores, pelas próprias características físicas da sala de aula (carteiras pesadas dispostas em fila); a pouca atenção individual que pode ser prestada pelo professora seus numerosos alunos; o pouco incentivo à expressão e ao desenvolvimento de potencialidades únicas do socializado em prol da transmissão de conhecimentos tidos como legítimos.

O que, então, pode o agente socializador observar do aluno neste contexto de fronteiras e contornos bem delineados, onde a criança tem poucas oportunidades para se expressar livremente? Ou, colocado de outro modo, o que do aluno é visível para o professor?

Dadas todas as características deste tipo de pedagogia descritas acima, gostaria de avançar a interpretação (que poderá ser melhor explicitada após o contraste com o que se passa no domínio das novas pedagogias) de que muito pouco do aluno é observável por parte do professor, isto é, muito pouco de sua intimidade e disposições internas podem ser escrutinizadas pelo mesmo.

Ao professor é possibilitada somente a observação do comportamento, atitudes e aproveitamento escolar de seus alunos num contexto homogeneizador em que estes dispõem de poucos canais para expressar sua singularidade. Trata-se, conseqüentemente, de uma observação de aspectos mais superficiais e públicos da subjetividade do socializado, subjetividade esta que é constituída - através do processo de socialização dentro da família e deste tipo de escola - de modo a separar os domínios do público e do privado. Assim sendo, a intimidade da criança não é passível de observação sistemática e detalhada neste modelo pedagógico.

No entanto, se observarmos atentamente as características fundamentais das chamadas "pedagogias invisíveis", das quais as nossas novas pedagogias são exemplos privilegiados, chegaremos à constatação de que, nestas, tudo (ou quase tudo) que a criança **faz** e é torna-se passível de observação.

Reconsideremos as características básicas dos contextos nos quais são implementadas as novas pedagogias. São contextos onde há pouca separação entre espaços e horários de trabalho e lazer; há poucos alunos para cada professor; há muita mobilidade por parte dos alunos em função de um arranjo espacial que permite tal mobilidade (e.g. cadeiras e mesas pequenas e leves, fáceis de mover de um lado para outro); há pouca diferenciação explícita entre funções, deveres e direitos do professor e do aluno; há grande ênfase no reconhecimento e

desenvolvimento das capacidades únicas de cada aluno (o que só é possível através da atenção individual dada a cada criança).

Estes são, portanto, contextos bastante flexíveis e permeados de ambigüidades, onde idealmente não há lugares, funções ou horas predefinidas. Pelo menos em princípio, tudo pode ser arranjado e rearranjado, criado e recriado pelos alunos com toda a liberdade compatível com a garantia de sua integridade física.

O que do aluno, neste tipo de contexto onde pode expressar-se livremente, torna-se visível para o professor? Com certeza muito mais do que na pedagogia tradicional.

Como argumentei anteriormente, a pedagogia tradicional permite ao professor observar o comportamento, as atitudes e o aproveitamento escolar de seus alunos em contextos nos quais estes têm pouca liberdade para se expressar e poucos adultos para observá-los (i.e. não são objeto de tanta atenção individual como nas novas pedagogias). Conseqüentemente, a pedagogia tradicional não permite ao professor nenhuma forma de conhecimento aprofundado e sistemático das disposições internas de seus alunos. A intimidade destes está fora do escopo do observável e, portanto, fora do escopo do que pode ser julgado, avaliado e controlado.

Já para as novas pedagogias, calcadas que estão em teorias psico-pedagógicas de desenvolvimento e dado o tipo de contexto em que são colocadas em prática, tudo ou quase tudo é passível de observação, avaliação, julgamento e, ao menos potencialmente, controle. Isto porque as novas pedagogias incidem sobre e/ou ajudam a criar um tipo de sujeito diferente do da pedagogia tradicional, um sujeito para o qual a fronteira entre o público e o privado é muito mais tênue.

Não há mais, como na pedagogia tradicional, um desempenho "acadêmico" ou "escolar" que se constitua em foco de observação e avaliação. Como outras, esta fronteira, que remete à distinção entre o público e o privado, também foi diluída.

E nesta precariedade (ou ausência) de uma linha divisória entre o público e o privado, acoplada à ênfase na liberdade de expressão e ao incentivo de potencialidades únicas, que se instaura um potencial de controle jamais sonhado em qualquer pedagogia dita tradicional<sup>d</sup>.

Ao expressar-se livremente na presença de observadores atentos e treinados (professores e seus assistentes) e que dispõem de tempo, as crianças facultam a seus agentes socializadores uma observação minuciosa e penetrante de todos (ou quase todos) os aspectos de seu **fazer** e de seu **ser**.

Isto é facilmente constatável através do exame dos relatórios enviados aos pais por escolas que adotam as novas pedagogias (principalmente os do período pré-escolar). Neles fica claro que o alvo da avaliação não é mais tão somente o "desempenho escolar" da criança (como nos boletins das escolas tradicionais onde é avaliada por seu desempenho em disciplinas como ciências, matemática, etc), mas sim seu "desenvolvimento global", através de uma multiplicidade de microcategorias de avaliação.

Além do exemplo, citado anteriormente, do relatório que continha 360 categorias de avaliação, gostaria de apresentar um outro onde a minúcia da observação fica evidente de modo diverso.

---

d. Este potencial de controle é análogo àquele descrito por Foucault (1977, 1979, 1984a, 1984b) em suas discussões sobre a expansão das tecnologias disciplinares.

Um subitem intitulado "organização motora de base", do item "estruturação das funções intelectuais", que faz parte de um longo relatório semestral enviado aos pais de uma aluna por uma pré-escola carioca, contém a seguinte observação:

"Cristina anda e corre com segurança. Sobe as escadas alternando os pés, não necessitando do apoio da parede para nenhum dos sentidos. Para descer, não alterna os pés. Não demonstra dificuldades ao passar de sentada para em pé, deitada para sentada ou deitada para em pé, como também para permanecer de cócoras, ajoelhada ou sentada sobre os calcanhares."

Em outro item do mesmo relatório, intitulado "desenvolvimento da comunicação", lê-se:

"Cristina sempre verbaliza suas necessidades com todos na sala. Conversa muito com os amigos, com vocabulário adequado, dramatizando situações e referindo-se a si mesma pelo pronome 'eu'. Responde às perguntas feitas sobre um objeto, podendo determinar sua localização, função e características."

Finalmente, na seção dedicada ao "desenvolvimento emocional", encontra-se o seguinte:

"Cristina é muito desembaraçada, carinhosa e amiga. Adaptou-se com tranquilidade ao ambiente escolar e aos amigos com os quais tem um carinho especial. Está sempre atenta e disposta a cooperar nas rodinhas, gostando de fazer perguntas e conversar sobre o assunto dado ou falado. Realiza muito bem suas atividades, gostando muito da colagem, onde realiza bonitos trabalhos. Verbaliza todas as suas necessidades e enfrenta com tranquilidade as situações novas. Está sempre sorrindo e de bom humor."

Tomando por base a discussão anterior e a apresentação destes exemplos, gostaria de batizar o modelo pedagógico do qual as novas pedagogias são um exemplo de pedagogia do invisível. Isto porque este tipo de proposta pedagógica permite ao agente socializador a observação, a avaliação e até mesmo o controle de aspectos e dimensões subjetivos que seriam invisíveis numa pedagogia dita tradicional.

Quanto à pedagogia tradicional, diria que exemplifica modelarmente o que chamaria de pedagogia do visível, já que esta permite ao agente socializador tão-somente a observação, a avaliação e o controle de dimensões subjetivas mais propriamente do domínio público.

## CONCLUSÃO

A análise feita neste trabalho demonstra a necessidade de uma relativização tanto do caráter "repressor" da pedagogia tradicional como do caráter "revolucionário" e "liberador" das novas pedagogias.

Na pedagogia tradicional a "repressão" (associada, no relato de muitos, a uma disciplina rígida, ao pouco espaço para a criatividade e à pouca atenção individual), se e quando existe, incide sobre as dimensões mais superficiais e portanto públicas da criança enquanto sujeito. Suas disposições internas e estados subjetivos íntimos não são controláveis neste tipo de pedagogia por estarem fora do escopo do que pode ser sistematicamente observado. A pedagogia tradicional é uma pedagogia **do visível**, em que os domínios do público e do privado são mantidos separados e em que somente o primeiro ganha visibilidade.

A pedagogia tradicional é, ainda, uma forma pedagógica que, por ser **visível** para o aluno, lhe permite proceder a auto-avaliações que poderão servir de base para o planejamento e controle de seu desempenho visando objetivos traçados pelo próprio aluno. E mais, é uma forma pedagógica, cuja visibilidade das regras e critérios permite ao socializado contestá-la integral ou parcialmente.

O mesmo não pode ser dito das novas pedagogias. Ao contrário do que se passa na pedagogia tradicional, nestas novas formas pedagógicas não há (ou há pouca) separação entre o público e o privado. Este tipo de pedagogia, como já foi visto, incide sobre o desenvolvimento global da criança. Assim sendo, as novas pedagogias se constituem em pedagogias **do invisível**, no sentido de que tudo (ou quase tudo) que a criança **faz** e é pode e deve ser sistemática e minuciosamente observado e avaliado. Seu potencial de controle de aspectos íntimos do sujeito é, conseqüentemente, muito maior do que o de qualquer pedagogia tradicional. Estas novas formas pedagógicas incidem sobre dimensões - estes aspectos íntimos - que a pedagogia tradicional tornava invisíveis para o agente socializador e que ficavam, portanto, fora do controle do mesmo.

É ainda interessante relembrar que as novas pedagogias, por serem **invisíveis** para os alunos, não lhes permitem uma participação mais ativa na avaliação e planejamento de sua própria trajetória escolar. Até mesmo a contestação das normas escolares, que sempre caracterizou a participação dos alunos na pedagogia tradicional, torna-se difícil nas novas pedagogias cujas normas e critérios são em grande parte invisíveis para seus alunos.

Finalmente, pode-se argumentar que a pedagogia tradicional e as novas propiciam a emergência e/ou o fortalecimento de diferentes tipos de subjetividade. Estes tipos de subjetividade se distinguem, principalmente, pela preservação (pedagogia tradicional) ou diluição (novas pedagogias) da fronteira entre o domínio do público e do privado, e pela possibilidade ou impossibilidade de auto-regulação e planejamento da própria carreira escolar em função da visibilidade (pedagogia tradicional) ou invisibilidade (novas pedagogias) de regras e critérios como, por exemplo, os de avaliação e promoção.

## REFERÊNCIAS

ATKINSON, P. (1985). *Language, structure and reproduction: an introduction to the sociology of Basil Bernstein*. Londres: Methuen.

BERNSTEIN, B. (1977). Class and pedagogies: visible and invisible. Em B. BERNSTEIN, *Class, codes and control*. Vol. 3. Londres: Routledge & Kegan Paul.

BERNSTEIN, B. (1984). Classes e pedagogia: visível e invisível. *Cadernos de Pesquisa*, 49, 26-42.

FOUCAULT, M. (1977). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.

FOUCAULT, M. (1979). *A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, M. (1984a). *O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT; M. (1984b). *O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (1985). Escola experimental ou antiga? Caderno Especial do JORNAL DO BRASIL, intitulado *A nova família*, 14 de julho.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (no prelo). Família e pedagogia: nostalgia do tradicional ou carência do novo? Em S. A. FIGUEIRA(Ed.), *Uma nova família? O arcaico e o moderno na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

---

Texto recebido em 10/1 2/86.